



OFICINA DE ESTUDOS DA PRESERVAÇÃO

Coletânea II

Maria Rosa Correia

Organizadora



O CONJUNTO ARQUITETÔNICO DO VALONGO ATRAVÉS DO TEMPO¹



Flavia Boghossian Kiperman²

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um exemplo de intervenções técnicas na salvaguarda e resgate do patrimônio histórico na cidade do Rio de Janeiro. Dando ênfase à memória cultural do edifício, foi possível resgatar, mesmo que ainda apenas na teoria, não apenas sua volumetria original, mas também sua dignidade sociocultural, da qual pouco ainda é possível identificar, assim respeitando sua história.

O crescimento das grandes cidades brasileiras em direção à periferia e o aumento

de favelas perto das regiões centrais nos levam a refletir sobre a qualidade de moradia da população mais carente. Os atuais ocupantes de muitos prédios a serem preservados nos centros históricos são pessoas de baixa renda, que lá conseguem a oportunidade de morar mais barato, próximo ao mercado de trabalho e com toda a infraestrutura de um bairro já consolidado. Estas condições, favoráveis ao perfil destes ocupantes, também se devem ao mau estado de conservação destes imóveis.

O Conjunto Arquitetônico do Valongo (FIGURA 1) é composto pelas casas de

CASA 17

CASA 15

CASA 13



CASA 19

CASA 21

Banheiros públicos. Atualmente funcionando com comércio.

FIGURA 1: Conjunto Arquitetônico do Valongo em 2002. FOTO: BKARQUITETOS

¹ O presente artigo resume a palestra realizada no dia 17 de março de 2004 e é fruto de pesquisas realizadas no mestrado em História e Preservação do Patrimônio Cultural, ProArq/UFRJ.

² Arquiteta e urbanista, M. Sc. ProArq/FAU/UFRJ. fkiperman@gmail.com e flavia@bkarquitetos.com.br

números 13 a 21 e se encontra encravado no morro rochoso do Valongo, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. As casas foram construídas entre os anos de 1829 e 1867 e apresentam o estilo em vigor na primeira metade do século XIX, com repetição formal de padrões coloniais, apesar de já contarem com benefícios de época posterior, tais como: instalações primárias de água e esgoto, pátio interno para higienização e ventilação das dependências e janelas com venezianas.

Apesar das alterações que continuaram a acontecer no interior e exterior destes imóveis ao longo dos anos, o conjunto guarda ainda hoje a interpretação popular da arquitetura nobre dos séculos XVIII e XIX. Em 2003, com um único uso habitacional, e de propriedade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, encontravam-se ali 18 famílias morando em condições precárias de salubridade. O Projeto de Reabilitação Habitacional do Conjunto Arquitetônico do Valongo visa melhorar a qualidade de vida dos moradores deste conjunto, retomando a volumetria original – e assim tentando impedir o processo de favelização do local.

CARACTERÍSTICAS ATUAIS

O levantamento cadastral de campo foi feito em 2003, quando se registrou um total de 18 unidades habitacionais no conjunto – das casas de número 13 ao número 21. Foram utilizados também os levantamentos feitos pela arquiteta Jurema Kopke Eis, em 1978, os documentos da Santa Casa da Misericórdia (dentre eles um legado de 1829) e os arquivos do IPHAN, nos quais encontramos um croqui de 1938 mostrando a composição do conjunto em planta baixa.

Com base nestes documentos, comparando as plantas de 1938 e o levantamento dimensional atual, verificamos que a área de cobertura aumentou para quase o dobro; houve a construção de acréscimos em todas as unidades; a degradação e o quase desaparecimento das coberturas originais, com novas coberturas do tipo ondulada e lajes de concreto. Não existe nenhum registro formal de claraboias ou lanternins.

Não foi verificada a presença das já proibidas alcovas na planta de 1935, somente as relatadas no Legado da Santa Casa da Misericórdia de 1829, portanto sem comprovação física da existência delas. De acordo com os mapas de 1870 pudemos identificar os pátios internos, exigências do que seria a nova política de higienização do prefeito Pereira Passos somente no início do século XX.

Os vãos, muitos deles ainda originais, como comprovado no legado deixado à Santa Casa, alguns ainda conservam as esquadrias com a forma característica de meados do século XIX, com bandeiras em vidro e janelas de venezianas. Nas portas encontramos ainda algumas de tábuas encaixadas, e outras com apliques e almofadadas, já mais recentes.

Com o alargamento da rua Camerino no início do século XX, tivemos as primeiras notícias de obras de melhorias no conjunto. Em 1934, de acordo com os arquivos da Santa Casa, foram feitas obras de conservação, de substituição de revestimentos das áreas molhadas e de troca das peças de madeira dos forros e telhados.

Em 1956 foi feita outra grande reforma pela Santa Casa, quando foram aproveitadas somente as paredes estruturais e feitas novas divisões internas. Provavelmente, foi nessa época que a taxa ocupacional do

conjunto aumentou. Já em 1969, em vistoria feita pela Santa Casa, foi encontrada a situação apresentada no seguinte quadro comparativo:

CASA	1935	1969	1999	2003
13	1 un.	7 "casas"	8 un.	8 un.
15	1 un.	2 "casas"	2 un.	2 un.
17	1 un.	1 "casa"	1 un.	2 un.
19	1 un.	1 "casa" no térreo	1 un.	1 un.
21	1 un. (sobrado 19)	3 "casas" + 1 térreo	5 un.	5 un.
TOTAL	5 un.	15 un.	17 un.	18 un.

Acredito que já em 1969 era um conjunto habitacional de baixa renda. Esta "casa", mencionada pelo responsável pelo referido trabalho da Santa Casa, seria o número de famílias que habitavam cada edifício? Ou realmente o número de unidades habitacionais? Consideramos, neste caso, unidade habitacional aquela que possui banheiro e cozinha próprios, já que não existem esses cômodos coletivos no conjunto e não foi encontrado nenhum registro que indique esta peculiaridade.

No legado deixado pelo proprietário à Santa Casa, datado de 1829, o conjunto era mencionado como três casas e quatro moradas, além de relatar claramente no "Índice Geral do Tombo dos Prédios do Patrimônio da Santa Casa da Misericórdia – Hospital Geral" que o sobrado de nº 19 "é térreo, ficando porém sobre sobrado que pertence a outro próprio, do mesmo patrimônio com entrada pelo 2º lance da ladeira".

As três casas mencionadas antes seriam as atuais casas nºs 19, 17 e 15; sendo a de nº 19 com duas moradas, no térreo e no sobrado, formando assim quatro moradas em três casas. Seria este nº 19 um dos primeiros exemplares de habitação multifamiliar no Rio de Janeiro?

Em comparação com a evolução deste conjunto entre 1969 e 1999, pouco cresceu em número de unidades habitacionais, pois, a exemplo dos nºs 13 e 21, em que o número de "casas" aumentou em duas unidades, reforçou-se que a área útil da maioria das unidades também cresceu.

Hoje ainda identificamos alguns padrões do tipo colonial que resistiram após tantos anos de intervenções no local, como por exemplo: parte da cobertura cerâmica em capa-e-canal, beiral sacado e o cunhal com arremate capitel com cimalha em massa, entre outros.

A seguir apresentamos a descrição de cada uma dessas construções, separada por numeração, para facilitar a visualização das transformações ocorridas no conjunto.

CASA Nº 21

Consideramos o nº 21 como o quintal e o muro do edifício nº 19, hoje completamente ocupado. Possui todo o comprimento do sobrado nº 19 e é inteiramente voltado para o lado direito da Ladeira, paralelo à Rua Camerino.

Foi construído na mesma época do sobrado nº 19 e é o edifício tombado particularmente pelo IPHAN. Sua disposição interna apresentada na planta de 1935 (Barreto, 1938) é de cozinha, depósito, quintal e loja. Nesse térreo encontravam-se duas partes separadas por este quintal. Atualmente neste edifício encontramos, de um lado, prolongamentos

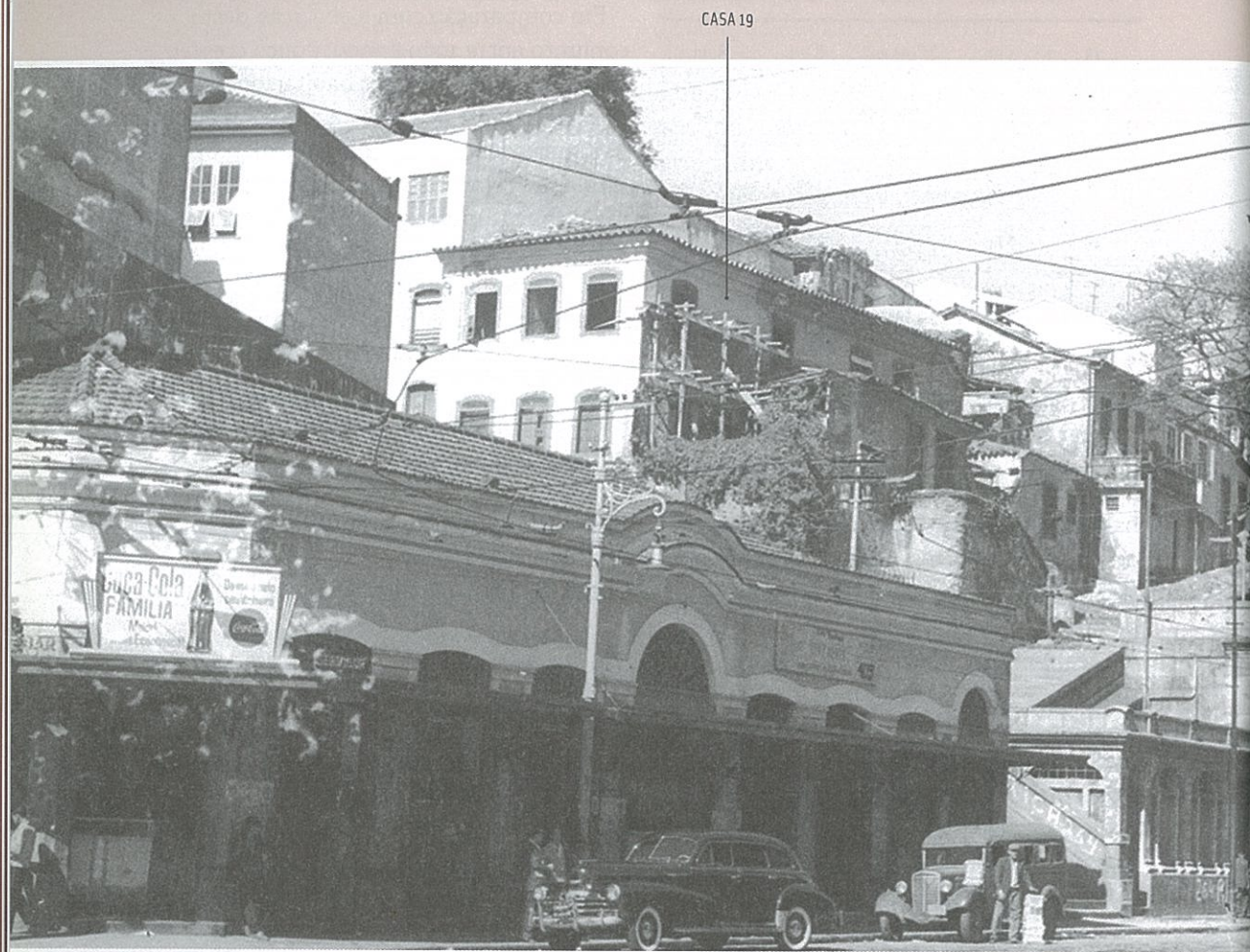


FIGURA 2: Autor desconhecido, s/ data. ARQUIVO IPHAN

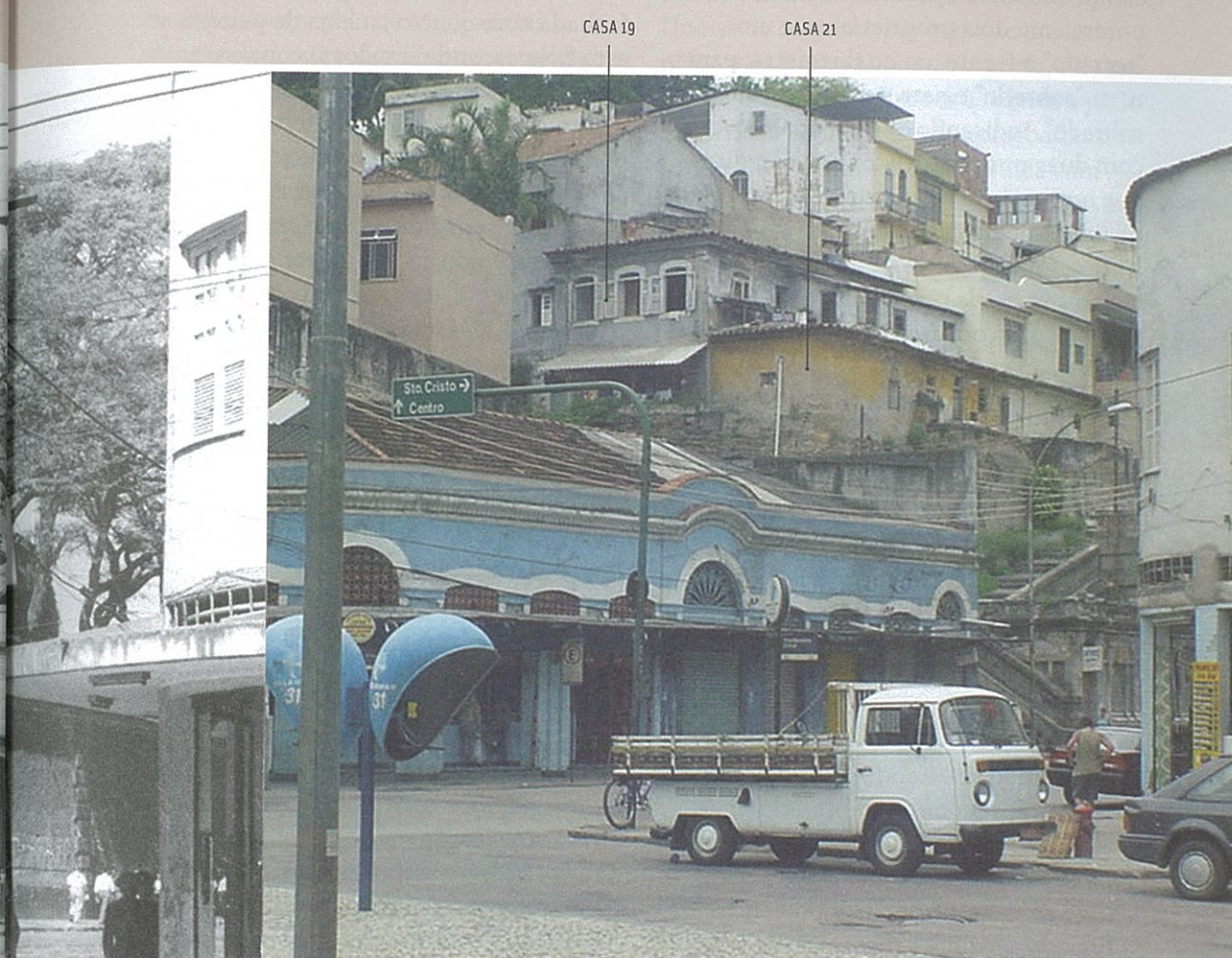


FIGURA 3: Estado de conservação em 2002. FOTO BK ARQUITETOS

de unidades nº 19, a escada de acesso ao sobrado do nº 19 e duas unidades ocupando térreo e primeiro pavimento deste nº 21.

Segundo os relatos do Legado e as descrições feitas por Eis (1978, p. 9), este é sempre descrito apenas como um sobrado, porém com dois proprietários, e um “terrado” à frente, no qual registra: para o nº 21 “sobrado” e para o nº 19 “térreo sob sobrado”, indicando apenas um imóvel com duas numerações. Enfim, acredito que o nº 21 é apenas a ocupação irregular de um antigo quintal da casa nº 19 e, fazendo muro de divisa do terreno com o passeio de paredes limítrofes da unidade. Esta ocupação pode ter sido feita ainda no início do século XX.

Em 2003 encontramos cinco unidades habitacionais e o estado de conservação desta edificação precário, com infiltrações de águas pluviais e esgoto aparentes, cômodos sem ventilação nem iluminação e lajes em péssimo estado, com suas ferragens aparentes.

CASA Nº 19

Este sobrado se estende pelos dois trechos da Ladeira, sendo sua frente principal voltada para o trecho da esquerda. Como relatado antes, este é o exemplar mais antigo do conjunto, construído entre o final do século XVIII e início do XIX. Mantém trechos de sua fachada em aspecto ainda original.

No século XIX este sobrado já possuía dois proprietários, sendo o primeiro ocupando todo o térreo com acesso pela Ladeira em seu trecho esquerdo, e o segundo ocupando todo o sobrado com acesso pela Ladeira em seu trecho paralelo à rua da Imperatriz, atual Camerino.

A fachada, de onde antigamente vislumbrava-se o mar, hoje mostra a Ladeira em seu trecho esquerdo, e possui ainda no original suas cinco janelas de peitoril e uma porta, a cornija e o beiral sacado em “telhas de curvar”, de acordo com as descrições do Legado. A outra fachada com quatro janelas de peitoril está hoje escondida pelos incontáveis acréscimos feitos na unidade nº 21.

Esta construção está muito alterada, e possui tantos acréscimos que quase não a reconhecemos da rua Camerino. Ela se mistura com a de nº 21, e seu telhado, como concebido, já não existe mais. Originalmente, este sobrado, no primeiro pavimento, possuía duas salas e dois quartos, um puxado com cozinha e um prisma de ventilação e iluminação; hoje tanto o puxado quanto os prismas foram ocupados por acréscimos. A unidade existente no térreo, que é voltado para a ladeira, encontra-se isolada do restante da construção.

CASA Nº 17

Esta se localiza também no trecho esquerdo da ladeira, entre os edifícios de nºs 15 e 19, e construídas na mesma época. De acordo com os arquivos da Santa Casa, por estar em cima de uma pedreira, era sobrado somente na frente, e o térreo deste sobrado seria somente uma loja.

Em 2003 encontramos o térreo com aspecto pouco agradável, escuro e úmido, apenas um quarto e a escadaria de acesso ao primeiro pavimento. Esta numeração de “casa” possui apenas uma unidade habitacional e seus prismas de ventilação e iluminação ocupados por acréscimos irregulares.

No que seria o sótão (segundo pavimento) ou parte de uma “trapeira conjugada” com o vizinho (ver descrição da casa nº 15), foram construídas mais duas unidades habitacionais ocupando também os antigos prismas de ventilação. De acesso independentes, uma entra pelo sobrado de nº 21 e outra pelo de nº 13, ambas atravessando corredores entre as unidades. Este acréscimo do segundo pavimento é corrido nos dois edifícios de nºs 15 e 17, provavelmente construído em 1905 e foi feito a partir da união dos sótãos destes dois edifícios.

CASA Nº 15

Este prédio situa-se no lado esquerdo da Ladeira, entre os prédios de nºs 13 e 17. Provavelmente construído em 1867, com sua fachada original de uma porta de rótula e duas janelas de peitoril. Em 2003, encontramos duas unidades habitacionais no térreo e duas no sobrado, com 70% dos prismas de ventilação e iluminação ocupados e abrangendo também trecho do edifício 13.

Segundo os arquivos da Santa Casa de Misericórdia, existia sobre este edifício um sótão com “duas trapeiras conjugadas por uma base comum, trapeiras que medem respectivamente 32,0m² e 55,35m², sendo assim a área total de 87,31m²”. Este edifício possui uma frente de 5,57m e profundidade de 15,80m, com uma área total de 88,60m². Surgem então duas hipóteses: ou estas “duas trapeiras conjugadas” eram quase um novo pavimento ou um sobrado, ou estas trapeiras ficariam uma em cada edifício, neste de nº 15 e no ao lado, de nº 17, justificando o pavimento corrido encontrado atualmente nestes dois edifícios.

CASA Nº 13

Construída pela Santa Casa de Misericórdia entre os anos de 1867 e 1871, situa-se no final do trecho à esquerda da ladeira do Morro do Valongo. O edifício é térreo e mais elevado em relação à ladeira. Une-se ao conjunto por meio de uma passagem, limitada por uma porta, na casa de nº 15. Tem como limites à ladeira o pátio interno e a pedreira nas duas fachadas dos fundos. Originalmente construída com dois quartos, duas salas, um acréscimo do tipo puxado com cozinha e despensa, e um acréscimo do tipo barracão colado ao edifício de nº 15 com um cômodo.

Esse “puxado” com cozinha e despensa transformou-se, considerando os acréscimos recentes, em um sobrado com quatro unidades habitacionais, e o volume térreo original em mais duas unidades habitacionais com acréscimos. O “barracão” colado ao edifício de nº 15 transformou-se em parte de duas unidades habitacionais, com o acesso por este pátio interno, mas pertencentes ao sobrado do nº 15.

Sua fachada se encontra com os vãos alterados em posição e quantidade, pois eram quatro janelas de peitoril, e hoje, para o acesso de uma das unidades que se faz pela frente da ladeira, existem uma porta e três janelas.

O PLANO DIRETOR

O plano diretor para a restauração das casas 13 a 21 do Conjunto Arquitetônico do Valongo foi elaborado visando indicar parâmetros para a sua intervenção arquitetônica. Foi mantido o uso habitacional, adaptando assim os espaços

existentes aos volumes originais e às exigências atuais de habitabilidade.

O conjunto, exposto às mais variadas formas de degradação como infiltrações, rachaduras profundas e esgoto aparente, resulta na exposição de várias pessoas a situações de risco, e a cidade prestes a perder um imóvel de relevante importância cultural. Para a viabilização desta intervenção, foi sugerida a divisão em etapas de execução, na forma de um plano diretor.

As FIGURAS 2 e 3 mostram um dos exemplos da pesquisa executada para tal dissertação, na qual se faz a comparação entre o estado do conjunto em meados do século XX e o estado em 2003.

Na primeira etapa, será feita apenas a restauração do invólucro mural das casas 19 e 21, que mereceram especial atenção no auto do tombamento, com a limpeza e execução de obras de conservação e restauro. Para a segunda etapa sugerimos a compatibilização das fachadas das demais casas com as duas já restauradas e o tratamento do entorno do conjunto, com isso pretendendo-se preservar a ambientação e o entorno das casas 19 e 21.

Finalmente, na terceira etapa, indicamos a regularização edilícia dos interiores e a liberação dos pátios internos do conjunto, utilizando parâmetros de baixa renda para a regularização das casas. Nesta etapa propomos que seja feito todo o saneamento destas unidades, liberando os antigos pátios internos e garantindo a ventilação em todos os cômodos.

Comparando a estrutura existente aos croquis elaborados por Barreto em 1938, encontramos então, principalmente, a adequação de uma estrutura unifamiliar para multifamiliar e a total ocupação dos prismas de ventilação e iluminação.

Em 2003, nas casas nºs 19 e 21 existiam seis unidades com as áreas que variavam entre 150m² até 25m² por unidade.

Optamos por estabelecer uma metragem mínima de 30m² e como resultado obtivemos quatro unidades que variam de 79m² a 43m². Consideramos por premissa também a menor intervenção possível para evitar ao máximo maiores danos à construção.

Para as fachadas e telhados, partindo de informações coletadas em fotos antigas e prospecções, sugerimos a recuperação dos vãos e volumetria o mais próximo possível do original, assim como a utilização de materiais compatíveis com os utilizados na época de sua construção.

Com estas alterações, obtivemos como resultado a diminuição de unidades habitacionais de 18 unidades para 12, porém com suas metragens mais regulares, todos com banheiros, cozinhas e áreas de serviço privativas e a ventilação garantida em todos os cômodos.

CONCLUSÃO

O arquiteto restaurador especializado em monumentos históricos deve ter com clareza os conhecimentos históricos, técnicos, metodológicos e, principalmente, humildade e respeito – para que sejam preservadas todas as características adquiridas pelo edifício ao longo do tempo.

Neste projeto foi possível: resgatar a aparência histórica do conjunto, razão pela qual foi sugerido seu tombamento em 1938; sanar problemas estruturais adquiridos; conferir salubridade e maior conforto aos habitantes do local; e principalmente garantir a preservação desta joia por mais alguns anos.

REFERÊNCIAS

- ARNAULT, J. K. E. Morro da Conceição, Rio: Uma proposta de proteção sem tombamento. *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional*, n. 19, IPHAN, 1984.
- CARDOSO, Elisabeth Dezouart et al. *História dos bairros – Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/Index, 1987.
- CEZAR, Paulo Bastos; Castro, Ana Rosa Viveiros. *Praça Mauá na memória do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/EXLibris, 1989.
- EIS, Jurema Kopke. "Anteprojeto de restauração para o conjunto arquitetônico e paisagístico do Valongo – Saúde RJ". Versão datilografada. Monografia de especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos UFMG, 1978, v. 1 e 2.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio: e de sua liderança na história política no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- MELLO JÚNIOR, Donato. *Rio de Janeiro: planos, plantas e aparências*. Rio de Janeiro: Edição da Galeria de Arte do Centro Empresarial Rio, 1988.
- SIGAUD, M. e PINHO, Claudia M. *Morro da Conceição: da memória o futuro*. Rio de Janeiro: PCRJ, 2000.
- TELLES, Augusto C. da Silva. *Guia dos bens tombados da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001

DOCUMENTOS CITADOS

- ARQUIVO NORONHA SANTOS-IPHAN. Pastas do Conjunto Arquitetônico do Valongo. MRJ RJ Conjunto Arquitetônico e paisagístico do Valongo. Cx 509-1945.
- BARRETO, Paulo. Parecer de tombamento do Conjunto Arquitetônico e paisagístico do Valongo. Arquivo Noronha Santos - IPHAN IBPC Inventário MRJ RJ Conjunto Arquitetônico e paisagístico do Valongo. Cx 509-1945. Rio de Janeiro, 1938.
- VIANNA, Manoel José. Legado à Santa Casa da Misericórdia das casas da ladeira do Valongo, nos 13, 15, 17, 19 e 21. Original manuscrito. Rio de Janeiro: Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro; pasta 1316, 1829.

